

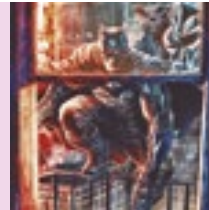
Mart'nália revive um de seus álbuns mais marcantes

PÁGINA 2



Novidades e reedições nos 85 anos de Batman

PÁGINA 13



Sucesso absoluto da Broadway chega ao Rio

PÁGINA 6



2° CADERNO

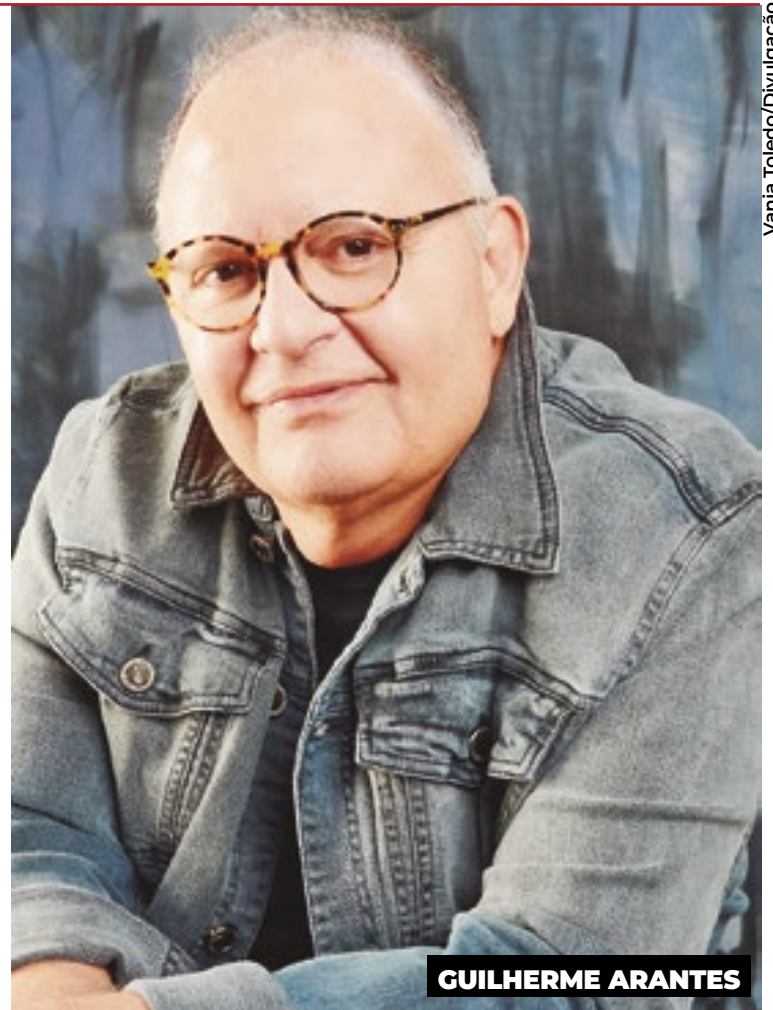
EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Marcos Trojan/Divulgação



RITCHIE

Vania Toledo/Divulgação



GUILHERME ARANTES

Noites mais que cariocas

Por Affonso Nunes

Começa neste fim de semana mais uma edição do TIM Noites Cariocas, a fantástica união entre música e uma das mais deslumbrantes paisagens da Cidade Maravilhosa. Desta sexta até o dia 27 nomes consagrados e talentos emergentes da música brasileira se apresentam no anfiteatro localizado no Morro da Urca. A programação começa nesta sexta-feira (5) com dois shows de grandes hitmakers: Guilherme Arantes e Ritchie.

Ritchie segue correndo o país com seu aclamado show que celebra os 40 anos de seu primeiro álbum solo, "Voo de Coração" e

Os hitmakers Guilherme Arantes e Ritchie abrem no Morro da Urca a programação do mais longo festival da cidade

do megahit "Menina Veneno" e do lançamento do álbum "Voo de Coração". No show, ele faz o público cantar junto em praticamente

todas as canções, mas reserva duas surpresas: os lançamentos de dois singles. Uma regravação de "Ando Meio Desligado", uma homenagem a Rita Lee; e a inédita "Saudade sem Passagem", em parceria com Fausto Nilo.

"Rita foi a primeira brasileira que eu conheci em Londres, em 1972. Ficamos amigos logo de cara e arrisco dizer que, não fosse por esse encontro, eu talvez jamais teria pisado em solo brasileiro", conta o cantor e compositor britânico que fez do Rio seu novo lar.

Caminho inverso fez o paulista Guilherme Arantes que hoje vive na Espanha. Com 27 álbuns lançados, o cantor e compositor tem músicas gravadas por Roberto Carlos, Maria Bethânia, Elis Regina, Caetano Veloso,

Gal Costa, entre outros. Em sua coleção de sucessos estão "Planeta Água", "Amanhã", "Cheia de Charme", "Meu Mundo e Nada Mais", "Um Dia, Um Adeus", "Lindo Balão Azul", "Deixa Chover", "Lance Legal", "Pedacinhos" e "Brincar de Viver".

Em 2024, Guilherme completa 48 anos de carreira e nesta celebração de uma trajetória vitoriosa, Guilherme e seu inconfundível teclado é acompanhado por Luiz Sérgio Carlini e Alexandre Blanc (guitarras e violões), Gabriel Martini (bateria) e Willy

Verdaguer (baixo).

Destaques do hip hop nacional, L7nnon e Catha fazem os shows deste sábado.

SERVIÇO
TIM MUSIC NOITES CARIOCAS*

Parque Bondinho Pão de Açúcar (Av. Pasteur, 520 - Urca) | 5/4: Guilherme Arantes (23h) e Ritchie (0h30) 6/4: L7nnon (23) e Catha (0h30) | Ingressos a partir de R\$ 180 (meia)

*Abertura do bondinho: 21h30

CORREIO CULTURAL

Divulgação



'Retratos Fantasmas', de Kleber Mendonça Filho

Sesc Melhores Filmes premia o doc 'Retratos Fantasmas'

"Retratos Fantasmas", de Kleber Mendonça Filho e "Mato Seco em Chamas", de Joana Pimenta e Adirley Queirós, foram os grandes consagrados na premiação do 50º Festival Sesc Melhores Filmes. O primeiro escolhido por votação do público e o segundo, da crítica. A premiação foi realizada no Cinesesc, em São Paulo.

"Retratos Fantasmas" é um documentário ambientado no centro de Recife, durante o século XX. Reunindo imagens de arquivo, fotografias e registros em movimento, o filme explora a história do centro da capital pernambucana, contada a partir das salas de cinema que movimentavam a população e ditavam comportamentos.

Azul de Milton

A Portela anunciou que seu enredo para o carnaval de 2025 será uma homenagem a Milton Nascimento sob o tema "Cantar será buscar o caminho que vai dar no Sol". O cantor escreveu nas redes sociais que recebeu com muita emoção.

Azul de Milton II

"Que honra ser homenageado pela escola com mais títulos na história, a Majestade do Samba! Vejo vocês na avenida! A nossa procissão sai de Madureira, e é a estrada que vai fazer o sonho acontecer!", escreveu o artista, emocionado.

Improvizando

Reality show pioneiro de improvisação teatral em formato curto competitivo no país, o Impro Fight In Cena (IFIC) será realizado, entre os dias 6 a 28 de abril, no Teatro Candido Mendes, em Ipanema, com prêmios que somam R\$10 mil.

Força, Mingau!

Mingau, baixista da Ultraje a Rigor, vai para uma clínica de reabilitação nas próximas semanas, depois de passar por uma cranioplastia para colocar uma prótese na área do osso da cabeça onde foi baleado em setembro do ano passado, em Paraty.



Com 13 álbuns de estúdio lançados, Mart'nália recorda o trabalho que lhe abriu as portas do sucesso

Mart'nália é samba no pé

Cantora relembra no Rival Petrobras o repertório de seu consagrado álbum 'Pé do Meu Samba', produzido por Caetano Veloso

Por Affonso Nunes

"Dez na maneira e no tom / Você é o cheiro bom / Da madeira do meu violão / Você é a festa da Penha / A Feira de São Cristóvão / É a Pedra do Sal / Você é a Intrépida Trupe / A Lona de Guadalupe / Você é o Leme e o Pontal". Com esses versos cariocas até a medula, a cantora e compositora Mart'nália imprime sua marca em "Pé do Meu Samba", pérola de Caetano Veloso consagrada na voz manhosa e rasgada da filha de Martinho da Vila.

Pois a faixa-título do álbum da sambista produzido por Caetano em 2002 alavancou a carreira de Mart'nália e é o carro-chefe do

repertório que ela apresenta nesta sexta e sábado (5 e 6) no palco do Teatro Rival Petrobras.

Consagrada com dois Grammys Latinos de Melhor Disco de Samba pelos seus recentes álbuns "Mart'nália Canta Vinicius de Moraes" (2019) e "Misturado" (2017), Mart'nália já gravou 13 álbuns de estúdio e cantou nos seus shows - registrados em quatro DVDs ao vivo, muitas coisa boa. Ela toca samba desde que nasceu, embalada pela ginga do pai nas rodas de samba da Vila Isabel. Tanto que ainda garotinha se apaixonou pelo ritmo.

Foi nesse universo que Mart'nália aprendeu a dançar samba, cantar, tocar violão e pandeiro. Mas a carreira profissional começaria lá por seus 16 anos, como vocalista da

banda de Martinho ao lado de sua irmã Analimar.

Na metade dos anos 90, ela iniciou a se apresentar no circuito de bares, boates e teatros da cidade, o que a levou a lançar seu primeiro álbum de samba, intitulado "Minha Cara" (1995). Oitio antes, em 1987, ela havia lançado o álbum "Mart'nália", que continha alguns sambas mas era dominado por um repertório variado, fruto de sua passagem cantando pela noite carioca.

Mart'nália Não foi abraçada somente pelo samba. Ela teve o privilégio de ser reconhecida por grandes nomes da Música Popular Brasileira. Caetano foi o diretor artístico do já citado "Pé do Meu Samba" e Maria Bethânia dirigiu o álbum "Menino do Rio". A partir destes dois álbuns, Mart'nália iniciou a atrair grande atenção da mídia, apresentando-se ao vivo por todo o Brasil e então internacionalmente com turnês na Europa e África.

SERVIÇO MART'NÁLIA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia) 5 e 6/4, a partir das 19h30
Ingressos entre R\$ 39,60 e R\$ 110

Barão ontem, hoje e sempre

Escolhidos pela banda, cariocas da Canto Cego abrem a noite

Por **Affonso Nunes**

Banda que nasceu na cena underground do rock carioca, o Barão Vermelho não nega suas origens. No show de encerramento da turnê comemorativa dos 40 anos de estrada, a banda se apresenta nesta sexta (5) no Circo Voador em noite que será aberta pela banda carioca Canto Cego. A escolha foi dos próprios integrantes do Barão, que abriu



Marcos Hermes/Divulgação

O Barão Vermelho fecha a turnê comemorativa dos 40 anos de estrada

um processo seletivo em suas redes sociais.

“O Barão Vermelho, se preocupa em abrir espaço para artistas e bandas indepen-

des não só do rock. A gente acredita que abrir esse espaço, esse intercâmbio pra artistas que estão na batalha do independente, é mui-

to importante”, explica o vocalista e guitarrista Rodrigo Suricato, destacando que ele Guto Goffi (bateria), Maurício Barros (teclados e vocais), Fernando Magalhães (guitarra, violão e vocais) ouviram todas as faixas enviadas por bandas de todo o país. A cada cidade em que o barão se apresentar uma banda será pinçada para se mostrar ao grande público.

O mundo e o cenário musical mudaram muito nesses 40 anos. O próprio Barão experimentou esse processo passando por três formações com vocalistas distintos - o eterno Cazuzza (1958-1990), Frejat e Suricato nos últimos sete anos -, mas sem nunca deixou de se adaptar à aurora dos novos tempos, acompanhando velocidade do mundo. Só uma coisa não muda: a incrível sinergia entre banda e público em performances inesquecíveis.

No repertório desta noite sucessos como “Por Você”, “Pro dia Nascer Feliz”, “Puro Êxtase” e “Bete Balanço”. E tudo isso na casa onde tudo começou o Circo Voador.

SERVIÇO

BARÃO VERMELHO - BARÃO 40
Abertura: Canto Cego
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 5/4, a partir das 21h
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Jovens talentos

A Série Música no Assyrio, iniciativa dos músicos da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal, está de volta. Com Curadoria de Suray Soren, violinista da OSTM, as apresentações acontecem de 15 em 15 dias, nos domingos, às 11h, sempre a preços populares. Para iniciar a programação 2024, o conjunto de violinos Os Pequenos Mozart, composto por crianças a partir de três anos de idade que se vestem como o genial compositor.



Coral e piano

O Música no Museu mantém a celebração da Páscoa, além de homenagear violões e pianos pelo mundo e pelos mais diferentes períodos musicais, sempre com entrada franca. Nesta sexta (5) o Madrigal Cruz Lopes faz seu Concerto de Páscoa, às 12h30, na Igreja de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores (Rua do Ouvidor, 35). O coral de 38 vozes é acompanhado pelo piano de Luís Eduardo Louro.

Divulgação



Um duo virtuoso

Edgar Duvivier (sax e flauta) e Dami Andrés (violão de oito cordas) têm carreiras musicais de muito sucesso como intérpretes e compositores. Juntos desde 2018, eles formam uma dupla que transita facilmente do clássico ao popular, do latino ao jazz, apresentando as composições musicais mais representativas da América Latina. O show que Duvivier e Andrés fazem neste sábado (6), às 20h, na Casa Tao Brasil viaja pelos ritmos latino-americanos.

Reprodução/Internet



Tempo de sorte

Thiaguinho se apresenta nesta sexta e sábado (5 e 6) no Qualistage no show de lançamento do projeto Sorte, uma experiência multiplataforma que inclui também turnê e audiovisual. O novo repertório é uma leitura contemporânea de sonoridades tipicamente brasileiras misturadas às referências musicais do cantor, numa roupagem de roda de samba e pagode. “Estou empolgado com essa nova fase”, comenta o cantor.

30 anos movidos a sucessos

Jorge Vercillo lembra canções marcantes de todas as fases da carreira

Jorge Vercillo chega a três décadas de uma carreira com números que impressionam: mais de 1 bilhão de plays e streams nas plataformas digitais, mais de 20 temas de novela e alguns grandes sucessos nacionais e internacionais. Toda essa trajetória pode ser conferida neste sábado (6) no palco do Vivo Rio durante o show “Jorge Vercillo 30”. “Este espetáculo não é apenas uma retrospectiva da minha carreira, mas também uma celebração da constante renovação”, destaca o cantor e compositor.

Vivendo uma fase de pleno reconhecimento e influenciando toda uma geração de músicos

e jovens artistas que cantam suas canções nos bares e nos reallitys musicais, Vercillo criou trilhas sonoras para inúmeras vidas, com músicas que não apenas marcaram momentos, mas também moldaram realidades. Este show oferece uma jornada musical ao passear por clássicos como “Que Nem Maré”, “Homem Aranha”, “Monalisa”, “Final Feliz”, “Encontro das Águas”, “Penso em Ti”, “Ciclo”, Fênix”.

Mantendo-se conectado aos novos tempos, como convém aos artistas, Vercillo incluiu no repertório criações mais recentes como “Sensível Demais”, “Ela Une Todas as Coisas”, “Leve”, além das novíssimas “Endereço” e “Só Quem Ama”.



Jorge Vercillo repassa sua carreira em show que promete grande apuro audiovisual

O artista pensou em cada detalhe dessa turnê, com ênfase na cenografia. O palco recebe um projeto de luz exclusivo, além de projeções de vídeos elaborados para ilustrar os significados e as histórias por trás de cada uma das músicas.

“Esta experiência audiovisual não é apenas um show, mas uma festa e celebração da música, das emoções e das histórias que uniram minha obra a tanta gente ao longo desses 30 anos”, orgulha-se Vercillo.

SERVIÇO

JORGE VERCILLO 30
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 | Parque do Flamengo) | 6/4, a partir das 21h | Ingressos entre R\$ 90 (meia) e R\$ 340

CRÍTICA / DISCO / MILAGRES

Encantadores

Por Aquiles Rique Reis*

O álbum Milagres (Biscoito Fino) reúne as composições do pianista Breno Ruiz com o poeta Paulo César Pinheiro, cantadas por Alice Passos.

Eis algumas faixas que selecionei. “Milagres”: as notas do piano de Breno deslizam carinhosas sob o olhar atento de Alice, pronta para cantar o que o poeta escreveu sobre os mistérios da vida. A voz é bela como bela é a vida, vista pelas palavras que Paulinho Pinheiro traz em si. O piano os conduz.

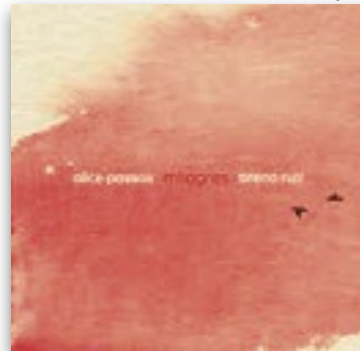
“Condão”: Breno faz vocalizes em duo com as teclas do piano, que estão somadas às teclas de Erika Ribeiro. Como canta bem o Breno! Alice afaga os versos com a mesma delicadeza que aspira o ar que a alimenta. Breno toca um intermezzo que é pura devoção aos deuses da

música.

“Cantiga de Menina”: o piano vem sob as águas. Breno deixa que as teclas corram de encontro aos seus dedos de artesão. Alice submerge do fundo da espuma da maré vazante – uma entidade a cantar. Paulinho Pinheiro captura as imagens com versos de fé, movidas a sonhos ancestrais – profusão de sabedoria.

“Sangue Mestiço”: Alice abre entoando a cantiga que Breno leva com o piano, sob seus eternos cuidados. A voz se abre à letra. O fluxo da beleza explode em versos que logo ganham ritmo pelas mãos dos percussionistas Magno Júlio e Marcus Thadeu. E tudo em nome da diversidade da música brasileira que Breno faz e nos presenteia des-

Divulgação



de sempre.

“Marajoara”: a força que reavivora a voz e acicata o piano é a mesma que nos conduz ao mundo onde viceja o belo e indivisível amor à terra. As notas agudas de Alice são parceiras dos acordes e da percussão. Juntos, realçam o poder da criação. O coro misto dá ao canto a intensidade

das entidades que o poeta revela em seus versos.

“Viola de Mágoa”: a viola de sete cordas de aço de Rogero Caetano traz a moda que logo é acendida pelo Breno e pela Alice, que percebem como seus os desígnios do violeiro. Piano e viola dialogam pela identidade sertaneja.

“Donana” (<https://youtu.be/v6OcS40id70?si=bQdBFqmnUhhXjHP>), uma das obras-primas de Breno e Paulinho Pinheiro, vem com vocalizes de Alice, seguidos por leve percussão. O piano resfolega. Os versos são poesia com imagem, balançando ao sabor da malemolência de uma donana profana. Os agudos de Alice, feitos lanças, atingem em cheio o corpo do ouvinte.

“Contradança”: outra composição a se somar à diversidade de gêneros, com os quais Breno se vale para criar músicas com fôlego contemporâneo. As percussões de Magno Júlio e Marcus Thadeu animam o baile.

“Acalanto Pra Quem Tem Filha”: como um oboré, que os índios Tupi usam para reunir a tribo, o piano conclama ao canto de amor à criança.

Alice canta! Breno toca! E eis que chega Edu Lobo! Meu Deus! Que maneira mais linda de findar um disco que é um louvor ao amor, declarado por piano, vozes e palavras do poeta.

Juntos, entre angústias e ansiedades, Alice e Breno confirmaram o que Clarice Lispector definiu como amor: “Amar é dar de presente ao outro a própria solidão”.

*Vocalista do MPB4 e escritor

SESC^{RJ} PUL SAR

CONFIRA OS DESTAQUES
DA PROGRAMAÇÃO NO
MÊS DE ABRIL.



EXPOSIÇÃO FABULAÇÕES VISUAIS DE UMA BAIXADA IMAGINADA

A exposição propõe deslocar o olhar de uma realidade dura para outros cenários, em que memórias afetivas se sobressaem.

Sesc Duque de Caxias
5/4 a 30/4 (terça a sábado)
- 8h às 17h



LITERATURA FIO DA MEADA: O CONTO DO BAOBÁ

Nos galhos do Baobá, viajamos por histórias guardadas em seu coração em formatos de frutos e sementes pela Baixada, por meio das palavras carregadas pelo vento.

Sesc Nova Iguaçu
6/4 (sábado) - 16h
Sesc São João de Meriti
17/4 (quarta) - 16h
Sesc Duque De Caxias
13/4 (sábado) - 16h



TEATRO JOTINHA - O MENINO QUE BRINCAVA COM AS PALAVRAS

Jotinha é um menino pobre e analfabeto, encantado pelas palavras. A vontade de criar histórias se impõe à barreira de não saber ler e escrever.

Sesc Nova Iguaçu
14/4 (domingo) - 16h



MÚSICA XIRÊ

Apresentação que tem como objetivo transparecer a potência e a diversidade musical presentes na Baixada Fluminense.

Sesc Duque de Caxias
12/4 (sexta) - 15h

MOSTRA DE CURTAS

Sesc São João de Meriti
18 e 25/4 (quinta) - 18h

Sesc Duque de Caxias
20 e 27/4 (sábado) - 15h

Sesc Nova Iguaçu
25/4 (quinta) - 14h
30/4 (terça) - 19h



EXISTE AMOR NA BXD

Usando uma abordagem poética e participativa, o documentário apresenta a Baixada Fluminense como um lugar potente, com pessoas que querem fazer a diferença.



AS RUÍNAS DO CINEMA KHOURI

Ao ficar presa no Cinema Khouri, a arquiteta Diana descobre que o cinema abandonado não só está vivo, como esconde uma entidade.



PAÇOÇA

Alguns pais acreditam que Pedrinho, o único aluno negro da sala, fraudou a eleição de representante de turma oferecendo paçoça aos alunos.



CAIXAS ENCANTADAS

Documentário que narra a trajetória de Dona Antônia, caixeira da festa do Divino Espírito Santo, e de sua neta Vanessa, que a acompanha nos afazeres.



TEATRO IGUAÇUANO: ARCÁDIA

O documentário mostra os artistas de teatro de Nova Iguaçu compartilhando suas memórias sobre o Teatro Arcádia.



À SOMBRA DO MAR

Josimar começa a se aproximar de Luis, mas, após uma notícia, ele precisa se compreender em um novo contexto de vida.



Confira a
programação
completa das
unidades.



Alguma coisa podre no reino do Leblon

Caio Galucci/Divulgação

Versão brasileira de 'Something Rotten', indicado a 10 Tonys, chega ao Rio

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“**A**lguma Coisa Podre” (“Something Rotten”), o super sucesso da Broadway indicado a 10 Tonys, chega ao Rio no Teatro Casa Grande após temporada de sucesso em São Paulo, sendo o musical mais premiado de 2023. A produção é da Touché Entretenimento, dirigida por Renata Borges,



Em 'Alguma Coisa Podre' nasce o 1º musical do mundo

e da Barho Produções, dirigida por Thiago Hofman.

“Something Rotten”, de Karey Kirkpatrick e John O’Farrell com músicas de Karey e Wayne Kor-

kpatrick, estreou na Broadway em 2015. A versão brasileira é assinada por Claudio Botelho e conta com direção artística e texto adaptado de Gustavo Barchilon. O elenco

é encabeçado por Marcos Veras, George Sauma, Wendell Bendelack e Leo Bahia, entre outros.

A revista Playbill anuncia assim o espetáculo: “Bem-vindo aos anos 90, 1590, muito antes do surgimento dos ingressos premium, do elenco de estrelas e dos lembretes para desligar seus telefones celulares”.

A história se passa com os irmãos Nick e Nigel, desesperados para escrever uma peça de sucesso, mas estão presos na sombra daquele rockstar renascentista conhecido como “O Bardo”. Quando um adivinho local prediz que o futuro do teatro envolve cantar, dançar e atuar ao mesmo tempo, Nick e Nigel decidem escrever o primeiro musical do mundo. Mas em meio à excitação escandalosa da noite de abertura, os irmãos percebem que chegar ao top significa ser fiel a si mesmo... e todo esse jazz. Com o coração na manga com babados e lantejoulas na alma, “Something Rotten” é uma dose barulhenta de pura diversão da Broadway e uma

ode irresistível aos musicais - aquelas criações deslumbrantes que divertem.

“Quando assisti ‘Something Rotten’ a primeira vez, já quis trazer o espetáculo para o Brasil. A história se arrisca num lugar incomum, satiriza a própria peça, os musicais, o teatro. A excelente receptividade em São Paulo só comprovou minha intuição: o espetáculo é a cara do público brasileiro, uma comédia rasgada e muito inteligente”, conta Barchilon.

SERVIÇO

ALGUMA COISA PODRE

Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Leblon)
Até 5/5, quintas e sextas (20h30), sábados (19h30) e domingos (17h30)
Ingressos: plateia vip - R\$ 200 e R\$ 100 (meia) | plateia setor 1 - R\$ 180 e R\$ 90 (meia) | balcão setor 1 - R\$ 120 e R\$ 60 (meia) | balcão Setor 2: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Aulão de dança gratuito

Neste sábado (6) tem Aulão do Bem, projeto que leva bailarinos de todas as idades e níveis de conhecimento, para uma aula de ballet no Teatro Municipal. A iniciativa da aluna de ballet Lu Fernandez, idealizadora do Instagram @balletaos60, busca incentivar os adultos a praticar a dança. A inscrição custa R\$55, que será destinada à Associação de Amigos da Escola de Dança Maria Olenewa (Amadança) e os participantes ainda contribuem com doação de produtos para o Retiro dos Artistas. Informações: @balletaos60.



Villa para crianças

Em uma combinação lúdica de música, encenação e animações 2D, a Caseiras Produções Culturais apresenta, “Villa-Lobos, Cantigas e Crianças”. O espetáculo, com o Quinteto Villas-Lobos, é baseado nas cantigas populares recolhidas e sistematizadas pelo Maestro Heitor Villa-Lobos, em sua seleção do guia prático, traz uma experiência imersiva nas tradições culturais brasileiras. Em sete apresentações abertas ao público, de 6 a 27 de abril, na Ecovilla Ri Happy, são as brincadeiras e cantigas de rodas que pouco têm sido lembradas na vida contemporânea.

Na mitologia iorubá

Em cartaz no Centro Coreográfico do Rio de Janeiro, na Tijuca, até domingo (7), o espetáculo de dança “Iyamesan” valoriza a potência das mulheres negras. Na cultura iorubá, Yamesan foi cortada em nove partes, sendo a mãe dos nove filhos, a mãe dos nove céus. O projeto conta com nove bailarinas em cena e com uma equipe majoritariamente da Zona Norte, formada por mulheres negras, passando por todas as etapas de realização do projeto como idealização, direção, trilha sonora, bailarinas entre outros setores de produção. Gratuito.

Natália dos Anjos/Divulgação



Divulgação

CRÍTICA / TEATRO / O PAGADOR DE PROMESSAS

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Deus e o diabo na terra do sol

A iniciativa, importante, fundamental, meritória, imprescindível, única e todos outros adjetivos que se queira aplicar, à implementação da Cia Funarj de Teatro, Arte e Repertório, que tem curadoria do ator Diogo Vilela. A primeira companhia pública do Brasil. Assim, após o processo de oficinas a opção foi montar o “Pagador de Promessas”, de Dias Gomes, que é muito pouco montado atualmente. Uma pena.

Se “Vestido de Noiva” foi a primeira peça a falar brasileiro, “O Pagador de Promessas” foi a primeira vez que se viu o Brasil, com todas as suas contradições. Alfredo de Freitas Dias Gomes, baiano, comunista, começou a carreira com Procópio Ferreira, aos 20 anos. Depois tornou-se redator de radio teatro, autor de televisão. O resto é história.

Desde sempre, o foco de Dias, como era chamado inclusive por



Divulgação

A encenação marca o respeito ao texto e às suas nuances, assim como a volta de Diogo Vilela aos palcos cariocas

seus alunos, privilegio que tive, é capaz de criar personagens arquetípicos, com uma trama que

ressalta, sempre, as características que exprimem o Brasil e também a humanidade. O pagador fala de

um agricultor simplório, homem de palavra, generoso, enredado em suas crenças que o colocam

na rota de colisão com um a arrogância e falta de carâtes dos poderosos de outras ordens.

A encenação marca o respeito ao texto e às suas nuances, assim como a volta de Diogo Vilela aos palcos cariocas com direção de Marcus Alvisi, além de Patrícia Pinho e Luiz Furlanetto como atores convidados e os 13 atores que compõem a Cia Funarj de Teatro, Arte e Repertório: Duda Romanhol, Elymara Cardoso, Ezequiel Vasconcelos, Jeff Fagundes, Jovan Ferreira, Michelle Raja Gebara, Moisés Ribeiro, Murilo Carrão, Octavio Albuquerque Vargas, Peter Boos, Rodri de Souza, Walle Pinheiro e Yosef Gonzales.

SERVIÇO**O PAGADOR DE PROMESSAS**

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema)
Até 7/4, sexta e sábado (20h) e domingo (19h)
Ingressos: R\$ 5 e R\$ 2,50 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / ENTRE FRANCISCOS, O SANTO E O PAPA

Guilherme Logullo/Divulgação

É dando que se recebe

A oração de São Francisco é aquela que diz que a nossa ação alcança aquilo que se quer atingir. A partir disso, Gabriel Chalita cria uma aparente situação corriqueira entre o Papa Francisco e Francisco um morador em situação de rua. Francisco, o papa, está em uma lavanderia que criou para que os desassistidos possam ganhar dignidade.

É o movimento de pêndulo entre o racional, da máquina de lavar que é uma forma de salvação, e a aparente simplicidade de Francisco que o belo diálogo entre a fé e as condições que enfrentamos

hoje - entre o amor e o ódio, entre o horror e a felicidade, assim como na oração - se desenvolve de forma que leva a platéia a também pendular entre o racional do papa e a paixão de Francisco.

A escolha do elenco é um acerto, pois Paulo Gorgulho, o papa, anda exatamente como um idoso, cansado, exausto de tudo que já viu e das batalhas, que considera perdidas. César Mello, que representa os homens, é preto, ator habilidoso, o que permite que a situação ganhe tintas realistas.

A direção de Fernando Philibert é criativa, certa e habilidosa



Gorgulho e Mello em cena em 'Entre Franciscos'

para ressaltar os impasses todos ali colocados. O poder, o povo, a simplicidade dos sentimentos, os cânones repressores são expostos pela forma como Fernando dirige os atores: contenção para o papa, amplitude para Francisco.

Voz doce para Francisco, voz tonitruante para o papa. E mais. A introdução dos cantos e dos ritmos iorubás mostra que a fé, a religiosidade são da humanidade.

Os figurinos da premiada e talentíssima Karen Brustolin

ressaltam a revelação de Francisco: ele é o santo, mas é o homem sofrido, que percebe como a religião tem que se ligar ao outro, ao fazer pelo outro e isso inclui a natureza, os animais, o passado, o futuro e o presente. Entre dois Franciscos leva mais do que uma mensagem de fé em Deus, nos mostra que só o diálogo entre as oposições e o amor pelos outros nos salva. (C.C.)

SERVIÇO**ENTRE FRANCISCOS, O SANTO E O PAPA**

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 - Ipanema)
De 12/4 a 5/5, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

SHOW**TRIBUTA A CARLOS LYRA**

*Formado por ex-integrantes do lendário grupo vocal Os Cariocas, o Quarteto do Rio homenageia a obra de Carlos Lyra (1933-2023), um dos pais da Bossa Nova. Participação especial da cantora Cris Delanno. Soberano (Estrada União e Indústria, 11.000 – Shopping Estação Itaipava, Petrópolis). Sex (5), às 21h. R\$ 160 e R\$ 80 (moradores do estado do RJ)

ANTÔNIO GUERRA TRIO

*O trio formado por Antônio Guerra (piano), Guto Wirtti (baixo) e Cassius Theperson (bateria) apresenta os temas autorais do pianista no Teatro Sesc Tere-sópolis (Av. Delfim Moreira, 749 - Várzea). Sex (5), às 19h30. R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (associado Sesc e PCG)

TANAJURA

*Robertinho Silva (percussão), Carlos Malta (sax e flauta) e Francisco Pellegrini (piano e acordenon) apresentam o projeto Tanajura, que reúne os músicos de três gerações distintas da música brasileira. Casa Tao Brasil (Rua Joaquim Silva, 77 - Lapa). Sex (5), às 20h. R\$ 50

SOMBRINHA

*Autore de vários sambas de sucesso, o cantor e compositor comanda roda de samba neste sábado (6), às 18h, no Casarão do Firmino (Rua da Relação, 19, Lapa). Contribuição colaborativa

HUMOR**DOUGLAS DI LIMA - VIDA DE CRENTE**

*Com um humor leve e inteligente, Di Lima aborda as diferenças entre as igrejas tradicionais e as mais modernas, destacando as situações engraçadas que acontecem dentro desses ambientes. Teatro Miguel Falabella Norte Shopping (Av. Dom Hélder Câmara, 5474). R\$ 90 e R\$ 45 (meia). Até 2/5.

TEATRO**TÊMPORA**

*Espetáculo aborda temas como ancestralidade, relações familiares, tecnologia e o eterno ciclo da vida, trazendo à cena o cotidiano de uma família em momento delicado. Até 28/4 no Teatro 2 Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539) de qui a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc)

*Quarteto do Rio & Cris Delanno*

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação

*Antônio Guerra Trio*

e grátis (PCG)

DIAS FELIZES

*Dirigido por Cesar Ribeiro, o texto de Samuel Beckett traz a história de uma mulher de 50 anos que dialoga de modo otimista sobre um passado glorioso e a esperança de dias melhores. Até 7/4 no Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 – Centro), de qui a sáb (19h) e domingo (18h). Plateia: R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | balcão: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

KAFKA E A BONECA VIAJANTE

*O espetáculo retorna ao Rio após itinerância por diversas capitais. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente - Loja 370, 53). Até 28/4

Hugo Tolipan/Divulgação



Têmpora

LOTTE ZWEIG - A MULHER SILENCIADA

*Em fevereiro de 1942, o escritor Stefan Zweig e sua esposa Charlotte foram encontrados mortos em seu bangalô. A causa apontada indicava suicídio duplo. Mas, 80 anos depois, novos indícios, novas e persistentes dúvidas. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado). Até 28/4.

UM FILME ARGENTINO

*As complexidades e reviravoltas da vida de um casal, enquanto utiliza uma abordagem cômica para destacar as diferentes facetas dos relacionamentos. Teatro Adolph Bloch (Rua do Russel, 804). Qui a sáb (20h) e dom (18h). Até 21/4

EXPOSIÇÃO

KRAJCBERG & ZANINE

*Exposição inédita reúne trabalhos do artista polonês Frans Krajcberg e do arquiteto Zanine Caldas, pioneiros da luta ambiental, que tem como matéria-prima madeiras oriundas de desmatamento. Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50 - Botafogo). Até 18/5. De ter a sex (11h às 19h). Sáb (12h às 17h). Grátis

ÀWÚRE

*O artista plástico Caio Truci apresenta a exposição "Àwúre", retratando os orixás de diversas maneiras. Até 20/4 no Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro), de ter a sáb (12h às 19h). Grátis

Divulgação



Àwúre

PAISAGEM DE UM MUNDO PARTIDO

*A artista Gloria Seddon transporta o espectador a um mundo de sensações e percepções palpáveis e de sentimentos de angústia e impotência, mas também de esperança. Galeria Antonio Berni (Praia de Botafogo, 228 - sobreloja). Até 19/4, de seg a sex (10h às 17h). Grátis

TECIDO URBANO

*Em cartaz no Sesc São João de Meriti (Av. Automóvel Clube, 66 - Centro), a exposição resgata o imaginário cultural dos subúrbios e periferias do Rio, com obras de 19 artistas independentes e curadoria de Raimundo Rodriguez. Até 26/5. Ter a sáb (9h às 17h). Grátis

LUZES

*O artista plástico francês Jérôme Poignard apresenta 40 telas que captam paisagens urbanas de cidades emblemáticas como Paris, Rio, São Paulo e Londres. Até 15/5 no Centro Cultural Correios (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro) de ter a sáb (12h às 19h). Grátis

AVA ART FESTIVAL

*O papel e a arte japonesa são os temas da exposição que começa no Rio, segue para Varkaus (Finlândia) e termina em Osaka (Japão). Os artistas apresentam obras de intensidades, cores e estilos diversos. Ava Galleria Rio (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering, Santo Cristo). Até 14/4, de qua a sáb (11h às 17h)

CIRCO

MÃO

*O espetáculo circense fará duas apresentações gratuitas em espaços públicos da cidade. A obra, multidisciplinar será encenada neste sábado e domingo (6 e 7) na Praça Xavier de Brito, às 16h, e na Quinta da Boa Vista, às 15h30

INFANTIL

CARIOQUINHAS

*A história do Rio para crianças, desde seu descobrimento até os dias atuais. Até 28/4, sáb e dom (16h) no Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

Revisão da obra de Al Pacino, em mostra no CCBB, povoa as telas cariocas de imagens do movimento americano que engajou o audiovisual num reformismo simbólico dos EUA

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Embora parecesse meiodoidão quando foi anunciado a vitória de “Oppenheimer”, no Oscar, no último dia 10, Al Pacino é assim mesmo: o circo midiático do cinema nunca fez sua cabeça. É só olhar suas escolhas para entender o quanto ele optou por ser um outsider, fazendo do teatro um refúgio sempre que precisa. Acaba de ser dirigido por Michael Keaton em “Pacto de Redenção” e tem pela frente os longas “Billy Knight” e “Na Mão de Dante”. Esses seus passos para o futuro. Para entender como ele chegou aonde chegou e como formou seu olhar, basta uma olhada na seleção da retrospectiva “Pacino”, em cartaz no CCBB.

Nesta sexta-feira (5), lá na grade do evento, no Centro Cultural Banco do Brasil, às 14h30, tem “Um Momento, Uma Vida” (1977), no qual ele encara a velocidade sob a direção de Sydney Pollack (1934-2008), no papel de um piloto de corridas. É um título emblemático do movimento ao qual ele emprestou seu talento: a Nova Hollywood. No sábado, às 18h, passa “Parceiros na Noite” (1980), também dessa fase, que tem um pico de excelência com os dois primeiros exemplares da trilogia “O

O Rosto da Nova Hollywood

Divulgação



Al Pacino em cena em ‘Parceiros da Noite’ (1981), de William Friedkin



O astro na pele do mafioso Michael Corleone em ‘O Poderoso Chefão 2’ (1975), de Francis Ford Coppola



Desempenho do ator fez de ‘Um Momento, Uma Vida’ (1977), de Sydney Pollak, um título cult

Poderoso Chefão” (1972/1974), agendados para domingo.

Pacino explode nas telas em 1971, um tempo de transformação nos EUA. Caracterizado por uma profusão de rebeldes com causa e com câmera, o cinema americano dos anos 1970 representou uma espécie hemodiálise poética da imagem. Para entendê-la é necessário voltar no tempo. Houve uma vez um verão, o de 1967, no qual o cinema americano engajou-se numa bossa nova para seus padrões, diante de dois filmes “Bonnie & Clyde - Uma Rajada de Balas”, de Arthur Penn, e “A Primeira Noite de um Homem”, de Mike Nichols.

Em ambos, dois diretores com experiências em outras mídias (o primeiro vem da TV; o segundo, do

teatro) contextualizaram a juventude dos EUA sob uma ótica alarmista de percepção do cerceamento moral e da violência das instituições, seja pela carece da Família seja no chumbo quente do Estado. Dali pra frente, a filmografia do Tio Sam tomou uma curva à esquerda, imbuindo-se do espírito cinemanovista – aquele que pariu Truffaut, embalou Bertolucci, ninou Polanski, pôs Glauber para arrotar – para tirar cascas das feridas nas veias abertas da América profunda.

Naquele momento, uma trupe surgiu com uma proposta de engajamento social, político, comportamental e estético. Entre eles estavam Francis Ford Coppola (“A Conversação”), Martin Scorsese (“Taxi Driver”), Peter Bogdanovi-

ch (“A Última Sessão de Cinema”), Bob Rafelson (“Cada Um Vive Como Quer”), Michael Cimino (“O Franco Atirador”), Bob Fosse (“Cabaret”), Jerry Schatzberg (“O Espantalho”), Hal Ashby (“Muito Além do Jardim”), a esquecida Elaine May (“O Rapaz Que Partia Corações”), George Lucas (“Star Wars – Episódio IV: Uma Nova Esperança”) e um certo Steven (o do “Tubarão” e de “Contatos Imediatos do 3º Grau”)... aquele tal de Spielberg. Ponha ao lado deles ficcionistas mais velhos, como Robert Altman (“M.A.S.H.”), John Cassavetes (“Maridos”), Monte Hellman (“Briga de Galo”), Sidney Lumet (“Serpico”) e o já citado Pollack (“A Noite dos Desesperados”). Embora muitos se esqueçam, foi aí

que Woody Allen (“Bananas”) apareceu.

E essa patota trouxe para o primeiro plano da tela as varizes éticas que impediam a oxigenação do sangue americano. Eles eram os chamados Easy Riders, em referência ao filme homônimo de Dennis Hopper, lançado em 1969 e tido como a carta de intenções de uma nova poética fílmica desesperada pelas chagas de sua pátria. Essas chagas eram, em geral, políticas e sociais - com destaque para a exclusão dos pobres e o dos imigrantes e o massacre dos ragazzi fãs de Beatles e Rolling Stones mortos no Vietnã.

Mas também havia as chagas da própria imagem, ou seja, a impotência que o próprio cinema teve de deflagrar uma revolução a partir de sua habilidade de (re)interpretar o mundo ao colocar sua memória em movimento.

Não apenas de ficcionistas viveu este clubinho de talentos, que tomou a ousadia de questionar os cânones de Hollywood. A partir de 1969, um time de documentaristas de peso como Shriley Clarke (“For Life, Against The War”), Peter Davis (“Corações e Mentes”), Michael Wadleigh (“Woodstock”), Arnold Perl (“Malcolm X”), o jovem Taylor Hackford (“Bukowski”) e até o ascendente Martin Scorsese (“ItalianAmerican”) fizeram do real um espaço de meditação e de investigação.

Eles levaram para a esfera documental todas as reflexões que os Easy Rider depuraram em road movies, dramas, comédias e thrillers, criando nas franjas da não ficção um bunker para a discussão do papel revolucionário das câmeras na mão. Pacino se lançou como diretor de longas com uma narrativa de tons documentais, chamada “Ricardo III – Um Ensaio (1996), falando de Shakespeare, uma de suas paixões. Foi por essa trilha fiel ao espírito da época que o formou. O CCBB mergulha nesse passado e extrai dele lembranças de atuações memoráveis de um dos maiores gigantes da arte de interpretar.

A Mostra Al Pacino segue no CCBB até 6 de maior, com curadoria de Paulo Santos Lima.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Escalado para contracenar com Leonardo DiCaprio e Regina Hall em “BC Project”, título provisório do novo longa-metragem de Paul Thomas Anderson, Sean Penn prepara um novo filme no posto de realizador: um documentário sobre o jornalista saudita Jamal Khashoggi, assassinado em 2018. Seu exercício mais recente como realizador, “Superpower”, .doc sobre a Guerra da Ucrânia, permanece inédito em circuito por aqui. Porém, uma de suas incursões ao exercício da direção, o drama “Flag Day – Dias Perdidos”, indicado à Palma de Ouro de 2021, acaba de ser lançado aqui, via YouTube, onde está disponível para compra ou aluguel. Sua protagonista, Dylan Penn, é filha do ator, e vive Jennifer, jovem problemática que entra numa jornada errática pelos EUA trombando com seu pai trambiqueiro, vivido pelo próprio Sean. A vida dura da menina não atenua seu amor pela figura paterna, que sempre a tratou como seu xodó, protegendo-a, dentro do possível, de seus erros.

“Eu tento apoiar pessoas que estão apoiando a liberdade”, disse Penn na Berlinale de 2023, ao lançar “Superpower”, sobre a violência cometida por Vladimir Putin na Guerra da Ucrânia, valorizando a estratégia do líder político Volodymyr Zelenskyy no conflito.

Codirigido por Aaron Kaufman, este ensaio sobre a violência institucionalizada foi recebido com controvérsia pela crítica pelo modo como Penn se debruça sobre a cultura da brutalidade na mídia. “Este não é um filme parcial pois fala de uma guerra que não é ambígua”, disse Penn na coletiva de Berlim.

Na Europa, ele vem correndo circuitos com o thriller dramático “Black Flies”, sobre o dia a dia de uma unidade móvel de paramédicos de Nova York, numa narrativa que evoca a série “Sob Pressão”. Devagarzinho, esse thriller sobre assistencialismo se impõe como mais um sucesso da carreira do astro, iniciada em 1979 e coroada com dois Oscars de Melhor Ator, dados a ele por “Milk – A Voz da Igualdade”, em 2009; e por “Sobre Meninos e Lobos”, em 2004.

Muitas vezes festivais como o de Cannes estenderam tapete vermelho para a presença de Penn, como se viu na Croisette em 2010, com a estreia mundial de “Jogo de Poder”, de Doug Liman, na disputa pela Palma de Ouro. É a saga de um político que descobre a ligação de sua companheira (Naomi Watts) com esquemas de espionagem da CIA. É possível vê-lo hoje na Amazon Prime, streaming que



Divulgação

Inédito em circuito no Brasil, ‘Flag Day’ pode ser alugado ou comprado no YouTube; o astro Sean Penn estrela e dirige o longa

Sean Penn por todo lado

Inclusão de ‘Flag Day’ no YouTube atrai olhares sobre a obra do astro de 63 anos como diretor, ao mesmo tempo em que seus sucessos como ator se espalham por streamings

acolhe uma série de produções estreladas pelo artista, como “Os Últimos Passos de Um Homem” (1995) e “O Pagamento Final” (1993).

Lá é possível (re)ver alguns dos melhores momentos de Penn à frente das telas, como “Colors – As Cores da Violência” (1988), de Dennis Hopper; “Tiro de Misericórdia” (1990), de Phil Joanou; “Reviravolta”

(1997), de Oliver Stone; “A Intérprete” (2005), de Sydney Pollack; e “Aqui É O Meu Lugar” (Prêmio do Júri Ecumênico em Cannes em 2011), de Paolo Sorrentino. A Amazon acolhe ainda alguns filmes que Penn dirigiu, como “Acerto Final” (1995), que valeu uma indicação de Melhor Atriz Coadjuvante pra Anjelica Huston; “Na Natureza Selvagem”, seu maior sucesso, consagrado pela trilha sonora de Eddie Vedder; e “The Last Face - A Última Fronteira”, indicado à Palma em 2016. Este fala da relação entre cirurgiões ligados aos Médicos Sem Fronteiras, vividos por Charlize Theron (ex-namorada de Penn) e Javier Bardem.

“Quereria falar sobre as contradições de quem se dedica a salvar vidas. Fui atrás da realidade nas zonas de guerra da África, filmando com uma multidão de pessoas como figurantes para retratar aquilo que a gente viu em campo: uma multidão de gente com problemas diante dos horrores da violência”,

disse Penn ao Correio da Manhã ao fim da exibição de “A última fronteira” em Cannes. “Filmamos na Cidade do Cabo buscando eliminar qualquer traço épico dos médicos: são pessoas normais, sujeitas a falhas, a dúvidas, a paixões, correndo riscos”.

Recentemente, a Netflix abriu espaço para um de seus longas como cineasta: “A Promessa” (“The Pledge”, 2001). Estrelado por Jack Nicholson (dublado por Francisco Milani), esse amargo thriller (também chamado “O Juramento”) conta com estrelas como Sam Shepard, Vanessa Redgrave, Patricia Clarkson, Robin Wright, Benicio Del Toro, Helen Mirren, Aaron Eckhart e um Mickey Rourke em estado de graça. Nicholson encarna um policial que, no dia de sua aposentadoria, envolve-se no caso da violência contra uma garotinha.

Penn tem uma tendência autoral em denunciar silenciamentos e desamparos estatais, tendo participado de um movimento de mídia para ajudar o Haiti, em 2012. Mas foi na ficção que ele mais se destacou como diretor, embora seus filmes – personalíssimos – encontrem pouco ou zero ressonância no cinema. A jornalista brasileira Bianca Kleinpaul cunhou, em 2007, uma expressão perfeita para definir Penn aos olhos da indústria cinematográfica: “o odiadinho de Hollywood”. Grandes realizadores evitam elenca-lo, cientes de que sua personalidade combativa por vezes cria uma série de rusgas. Ele e Woody Allen, por exemplo, terminaram “Poucas e Boas” (1999) sem se falar. Só Terrence Malick, entre os titãs na ativa, adora filmar com ele, tendo convidado o ator para “Além da Linha Vermelha” (Urso de Ouro de 1999) e “A Árvore da Vida” (Palma de Ouro de 2011).

Destaca-se ainda o já citado Paul Thomas Anderson, que o incluiu numa singular participação em “Licorice Pizza”. Fora isso, Brian De Palma, que não filma nada desde “Dominó” (2019), tinha Penn como um fetiche. Mesmo assim, ele ainda atua, mais em séries (“The First – Viagem a Marte” e “Gaslit”, que está no Globoplay) ou em filmes indies, como “Daddio”, de Christy Hall, no qual ele vive um taxista que conduz uma moça em crise (Dakota Johnson) ao aeroporto. Ou seja, tem Penn por todo lado.

Só é difícil encontrar em streaming o primeiro longa dirigido por Penn, “Unidos Pelo Sangue” (“The Indian Runner”, 1991), indicado ao Leopardo de Ouro de Locarno. É a saga de uma família em xeque, num embate entre os irmãos Joe e Frank Roberts, vividos por David Morse e Viggo Mortensen, com direito a Patricia Arquette, Valeria Golino, Dennis Hopper e (pasmem!) Charles Bronson no elenco. São surpresas que Penn nos reserva.

CRÍTICA / FILME / LICENÇA PARA ENLOUQUECER

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Companheirismo é o assunto que serve de bússola à obra do sino-brasileiro Hsu Chien Hsin (de “Desapega”), fazendo dele um diretor-autor. O tema entra em seu mais recente (e caloroso) filme, “Licença Para Enlouquecer”, numa relação espacial, quase de cavação publicitária, com a paradisíaca Maragogi, em Alagoas. Contudo, é pelas raias da neo-chanchada que o longa-metragem dilui sua essência de “publicidade” e se estabelece (com múltiplas potências) como trama cômica.

O filão que lhe abraça, a tal da “nova chanchada”, ganhou esse nome em 2012, durante um acirrado debate do diretor de TV



Nelson Freitas com Danielle Winitis, Mônica Carvalho e Michelle Muniz em ‘Licença Pra Enlouquecer’

O barato da neo-chanchada

Maurício Sherman (1931-2019), a cineasta Betse de Paula e o diretor e produtor Marcelo Lafitte (1963-2019), na Caixa Cultural, sobre a herança das comédias carnavalescas feitas no Brasil (com Oscarito, Grande Otelo, Dercy Gonçalves, Zé Trindade) sobretudo entre 1934 e 1962.

Eram narrativas com sequências musicais, pautadas por machinhas. Porém, o que havia de mais rico, entre os números de canto e dança, eram crônicas de costumes nas quais artesões do humor mediavam conflitos sempre vetorizados por dilemas socioeconômicos. A partir do doce “Os Paqueras”, dirigido pelo ator Reginaldo Faria, em 1969, esse modelo de fazer rir regressa, agora sob o vetor da ditadura militar e da necessidade histórica de se gozar o prazer da liberdade sexual. O nome que adquire: pornochanchada. É um rótulo que vai mobilizar as telas do país por

anos a fio, até 1985, quando incursões de David Cardoso ao reino do erotismo fecham a tampa de uma das mais populares expressões de nossa picardia.

O paradigma do “chancar” só volta a ser aberto em 2005, quando “Se Eu Fosse Você”, vende cerca de 3,5 milhões de ingressos.

Ali Daniel Filho estabelece a mirada que serve de tônus a Hsu em “Licença para Enlouquecer”: as neuroses das classes sociais que se erguem a partir da primeira Era Lula (2003-2010) e das que despencam na pirâmide do consumo nesse mesmo período. Ninguém, nas artes, além do cinema, voltou seu olhar para os fenômenos sociológicos de quem ascendeu das classes C, D e E, deixando para trás a pobreza do Plano Cruzado, dos Cruzados Novos, das URVs ou do princípio do Plano Real. Só a TV, posteriormente, com “Cheias de Charme”.

Mas a telona o fez antes. Não

por acaso, “De Pernas Pro Ar” (2010) e “Até Que A Sorte Nos Separe” (2012) se tornaram franquias rentáveis cartografando sentimentos de personagens que se catapultaram aos olhos do mercado na gangorra cartesiana do “consumo; logo, existo”.

Fenômeno recente, “Os Farofeiros 2” é a síntese desse princípio. Seus protagonistas são movidos pela pindaíba que podem assombrá-los, obrigados a curtir umas férias frustradas, em bando, para fugir de ruínas profissionais. Essa equação assegurou para o longa de Roberto Santucci, bem escrito por Paulo Cursino (o Midas da neo-chanchada) cerca de 1,5 milhão de espectadores.

Pratica-se a neo-chanchada também na Argentina, vide os sucessos de Adrián Suar (como “30 Noites Com a Minha Ex”, hoje na grade da plataforma Star+). A Espanha é rainha nessa linha cinematográfica,

vide “Chavalas” (2021), de Carol Rodríguez Colás, e as produções do catalão Cesc Gay, como “Sentimental” (2020) e “Historias Para No Contar” (2022).

Roteirizado por duas de suas atrizes (Mônica Carvalho e Michele Muniz) com Marcelo Corrêa, “Licença Para Enlouquecer” envereda-se por essa seara dos quiproquós financeiros e de saídas estratégicas para driblar o bolso vazio recriando os perrengues da pandemia. Visualmente, a fotografia dionisíaca de Silvia Gangemi (hoje uma das mais eficazes operárias da luz em nosso audiovisual, sempre espartana, com soluções artísticas engenhosas) já lhe assegura força plástica, deixando sua dramaturgia se prender à força da palavra.

Todos as histórias narradas por Hsu, nos longas, são palavrosas, vide seu impecável “Quem Vai Ficar Com Mário?” (2021), só que numa medida coesa entre os verbos

ditos e o tempo dos planos. Cada fala é um sabor, que ele administra com sabedoria. Só que o paladar reinante na primeira metade de seu mais recente longa é o do risco: do despejo, do desemprego, da falta de crédito, do aperto.

Uma das sequências que servem como um achado ao espírito cronista de “Licença Para Enlouquecer” é o momento em que Sara (Mônica Carvalho), Lia (Danielle Winitis) e Leia (Michele Muniz, sempre hilária) ficam confinadas num “apartamento”, em São Paulo, à mercê da covid-19, socadas numa cama em que mal cabe uma. A deixa de uma amiga para que as três animem um evento, em solo alagoano, leva o trio para Maragogi, onde Leia esbarra no marido que a abandonou, vivido pelo dinamismo da gargalhada varejão André Mattos.

Mas existe uma marca agridoce na filmografia de Hsu, herança de sua cinefilia apaixonada por comédias tristes italianas (em especial, as de Dino Risi e de Ettore Scola), na qual o pranto e a dor diluem o que há de engraçado. Doses demasiadamente humanas de aspereza, desamparo, fragilidade e de reflexão sobre as carências nossas de cada dia são encarnadas na figura do síndico Carlos, “O” personagem de “Licença Para Enlouquecer”. Personagem que prova o quanto o Jeff Daniels do Brasil, Nelson Freitas, tem diapasão interpretativo amplo.

Não há uma sequência em que ele apareça em que a câmera não se renda à sua entonação vocal serena, balizada numa expressão facial de firmeza, que esconde as variadas desinências do verbo “perder”... “perder alguém”. Essa perda é uma das viradas mais tocantes de um filme que, prejudicado aqui e ali por planos de cartão-postal facilmente limáveis, sustenta-se (muito bem) no retrato de amizades que brotam (ou se renovam) na instabilidade. Suas três estrelas se equilibram com garbo e gáudio nos papéis – cada uma, Danielle, Mônica e Michele, com um lampejo distinto, todas bem afinadas -, coadjuvadas por um Nelson gigante (como lhe é de costume, desde “Muita Calma Nessa Hora”).



85 anos de Homem-Morcego

Aniversário de Batman mobiliza mercado editorial com reedições e narrativas experimentais

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Embora a parte II de “Batman”, com Robert Pattinson, tenha ficado para 2026, os 85 anos do Homem-Morcego não serão ignorados pela indústria pop neste 2024 em que Joaquin Phoenix e Lady Gaga vivem Coringa e Arlequina em “Joker: Folie à Deux”. Estreia em outubro, de olho no Oscar. Dizem que Bruce Wayne, o alter ego do Morcego, só deve aparecer ali menino... ou já adolescente.

Nada se sabe ao certo sobre o novo longa-metragem do Palhaço do Crime, dirigido por Todd Phillips. O que se sabe ao certo sobre o futuro do guardião de Gotham City no audiovisual é a estreia da animação “Batman Azteca: Choque De Impérios”. Juan Jose Meza-Leon dirige o longa-metragem, que reinventa as origens do personagem, numa fábula com base nas raízes históricas da América Latina. Já o futuro quadrinístico do herói promete render fortunas às bancas, gibiterias, Amazon e livrarias, além do próprio site de sua editora, a DC Comics, que acaba de lançar uma reinvenção do Sr. Wayne, assinada pelo artistas gráficos Mark Russell e Mike

Allred, chamada “Dark Age”.

Sua toda plasticamente revisionista reafirma a importância do protetor de Gotham pra cultura pop a partir de sua gênese, em março de 1939, pelas mãos de Bob Kane (1915-1998) e Bill Finger (1914-1974), na edição

nº 27 de “Detective Comics” – almanaque dedicado a aventuras de investigadores. A capa da edição original traz a data de maio de 1939, mas entrou em venda na América dois meses antes. O www.dccomics.com oferece acesso a ela para seus assinantes. Lá também é

possível conhecer a HQ protagonizada pelo Pinguim, que vai ganhar série no Max com Colin Farrell.

No Brasil, a Panini Comics delicia seu público leitor ao relançar em versão encadernada a minissérie “O Messias”, lançada aqui em 1989, quando Batman completava 50 anos com direito a filme de Tim Burton. Na trama de Jim Starlin, com desenhos de Bernie Wrightson, o Morcego passa por um calvário nas mãos de um líder fundamentalista que se banha em sangue, o pregador Blackfire.

Já no gibi mensal do super-herói, o demônio Azmer ameaça Gotham, com risco de encarnar em Wayne. Abril também é mês de “Caro Detetive”, que faz uma narrativa visualmente experimental baseada na arte realista de Lee Bermejo, um dos capistas mais disputados dos quadrinhos hoje.

Ainda pela Panini chega “Batman: Portões De Gotham”. Nela, um louco com mais de 130kg de explosivos plásticos e um rancor secular ameaça detonar seu país. O vilão, chamado Arquiteto, tem alvejado propriedades e legados dos mais notáveis nomes da cidade, incluindo o de Bruce Wayne. A fim de detê-lo, o Batman vai mobilizar parcerias diversas.

Que fim levou o Robin?

Rolou um ovo de chocolate num em-
brulho com as feições do Menino-Pro-
dígio na Páscoa, data em
que as bancas receberam o
obrigatório “Robin – Ano
Um”, no qual Chuck Dixon
e Scott Beatty recontam as
primeiras aventuras do per-
sonagem.

Javier Pulido assina os
desenhos que aproxima o
jovem Dick Grayson, tra-
pezista transformado em
herói, da estética dos anos
1940, quando formou

seu legado.

Embora o atual detentor do unifor-
me vermelho (com um R
no peito) seja o filho de
Bruce Wayne (o agressivo
Damian), a Panini Comics
lança no Brasil um especial
com tramas protagonizadas
pelo anterior usuário do
manto: Tim Drake. “Misté-
rio na Marina” é a HQ que
reúne artistas como Camrus
Johnson e Meghan Fitzmar-
tin num resgate do lado mais
intrépido de Drake. (R.F.)

Paulo-Roberto Andel

60 anos de nojo de 1964

Eu não aprendi sobre a ditadura imunda na TV, nem nos livros. Só a posteriori. Eu a vivi dentro da minha casa, desde que nasci, e até hoje carrego sequelas irreversíveis dela. Aos oito dias de vida, fui carregado por minha mãe desesperada. Ela saiu correndo de casa depois que soldados foram à nossa casa para prender meu tio, um jovem estudante de 23 anos. Um simples tropeço da minha mãe na rua, também uma jovem de 23 anos, teria sido a minha morte.

Tempos depois, novamente para prender meu tio, a ditadura simplesmente deteve meu pai para usá-lo como refém. Desesperado, o irmão se entregou. Nunca fez mais do que reuniões no Partido ou panfletar contra a ditadura em passeatas, mas ditadores são assim: covardes. Prenderam-no, deram-lhe o abominável “telefone” e lhe tiraram uma das audições. Não aguentando mais, um garoto que tinha sido criado em colégio interno, órfão, virou um jovem humilhado que teve como única saída o exílio. Nunca mais voltou. As sequelas da ditadura contribuíram para seu suicídio, anos mais tarde.

Deprimido, aos poucos meu pai caiu no alcoolismo e isso nos provocou uma tragédia familiar e econômica que jamais superei. Só parou de beber quando não pôde mais andar, e isso foi o que lhe deu uma sobrevida de 13 anos. Minha mãe sofreu demais. Jovem ainda, passou a ter vários problemas de saúde que abreviaram sua vida. Faleceu com 61 anos, mas uns 100 de sofrimento.

Além de destruir a harmonia da minha família, a ditadura ainda me expulsou de uma escola no jardim da infância. Numa excursão até à Praia Vermelha, simplesmente perguntei à Tia Diva porque a praia tinha aquele nome.

Perto dela, estavam dois senhores de farda. Nunca me esqueci do olhar odioso que me dirigiram por uma pergunta da criança. Psicopatas, queriam saber quem era a criança de “traço comunista”. Foram à escola, pegaram meu nome, encontraram o do meu tio, avisaram que eu deveria ser expulso para não contaminar as outras crianças. A diretora recebeu minha mãe e, chorando, comunicou minha expulsão. Uma semana depois, eu estava em outro colégio, sem saber de nada.

Ah, muito provavelmente foi a ditadura que sumiu para sempre com a Lúcia, que era minha babá em 1973. Morávamos uma temporada bem no Largo de Cascaadura. Ela desceu para comprar pão e nunca mais voltou. Meus pais desesperados foram em delegacias, hospitais, no IML, choravam o tempo todo, eu vivi aquela agonia. Isso tem 51 anos. Sou o único sobrevivente daquela casa. Nunca mais tive sinal de Lúcia. E por que teria sido a ditadura? Simples: porque naqueles anos e nos seguintes as pessoas simplesmente “sumiam” para sempre, num tempo em que o tráfico e a milícia engatinhavam.

E que ninguém seja ingênuo: houve muita corrupção. Muita. Essa é a principal motivação de todo golpista. Só verdadeiros otários acreditam nesse discurso de pátria, família e religião - é melhor trocar por hipocrisia, desfaçatez e corrupção.

A você, que tolera ou defende isso, pense que as pessoas mutiladas, estupradas e covardemente assassinadas poderiam ser suas próximas, ou até da sua família. A ditadura começa eliminando seus alvos prioritários, depois ataca qualquer um. E se você vê algo parecido com a milícia e o tráfico, isso está longe de ser mera coincidência.

Uma autora mais próxima de nós

Divulgação

Como Bell Hooks conquistou corações no Brasil com obra afetiva e intelectual

Por **Vitória Damasceno**
(Folhapress)

Até o lançamento de “Tudo sobre o Amor”, Bell Hooks era uma autora pouco conhecida no Brasil. Sua obra circulava mais entre acadêmicos e pessoas interessadas em discursos de raça, gênero e crítica cultural. A chegada ao país de uma de suas obras mais populares, porém, mudou a recepção da intelectual, que fazia questão de escrever seu nome em letras minúsculas.

Sua editora, a Elefante, e especialistas em literatura avaliam que esta foi a responsável por fazer Hooks cair nas graças dos brasileiros - embora ainda não possa ser chamada de uma autora popular. O aumento da procura e o sucesso da obra, segundo pesquisadores, se dá devido à popularização de questões raciais e de gênero. Foi no meio da pandemia, em 2021, que “Tudo sobre o Amor” chegou às livrarias. Hoje, é o título de maior sucesso do catálogo da editora e de livrarias como a Megafauna, onde ficou no topo das vendas em 2022 e 2023. Na Travessa, o livro ficou em sexto lugar entre os mais vendidos no ano passado.

A morte de Hooks, em dezembro daquele mesmo 2021, impulsionou a busca pela obra. A partir dali, há aumento gradual da procura por ela em pla-



Bell Hooks, escritora

taformas como o Google, uma tendência que perdura.

Agora, a continuação da trilogia de hooks sobre o amor chega ao Brasil pela mesma editora, em um lançamento duplo: “Comunhão: A Busca das Mulheres pelo Amor” e “Salvação: Pessoas Negras e o Amor”.

Enquanto na primeira obra Hooks explora o sentimento como ator político e social, nos novos livros, mulheres e pessoas negras são o principal recorte, sem deixar de enxergar o amor como uma força política transformadora.

A autora se tornou um dos principais nomes do catálogo da Elefante, que já lançou 13 de suas obras desde 2019, quando trouxe ao Brasil edições de “Olhares negros”, “Erguer a voz” e “Anseios”.

Tadeu Breda, um dos editores da trilogia, afirma que Hooks está sendo muito lida no Brasil, e

será ainda mais pois a autora lida com grandes questões sociais e angústias da vida contemporânea, além de não ter medo de falar de assuntos que não são pacificados no país, como racismo, machismo e educação. “Ela o faz de maneira incisiva, demarcando muito claramente sua posição antirracista, feminista, anti-imperialista e de anticapitalista, mas sempre com muito apreço pelo diálogo e respeito por quem pensa de maneira diferente”, diz.

A autora mostra também como o movimento feminista transformou as perspectivas do sentimento. “A condição de mulher na cultura patriarcal nos seres sem valor ou com menor valor e, portanto, não surpreende que, como meninas, como mulheres, aprendemos a nos preocupar, sobretudo, em saber se somos dignas de amor”, diz no livro.

A primeira alvorada a gente nunca esquece

Em um longínquo setembro de 1978, trabalhando para a revista O Cruzeiro, recebi a pauta fotográfica do editor de fotografia: clicar Adelson Alves para uma matéria sobre seu programa na Rádio Globo, 'Amigo da madrugada', que faria aniversário dali quatro dias.

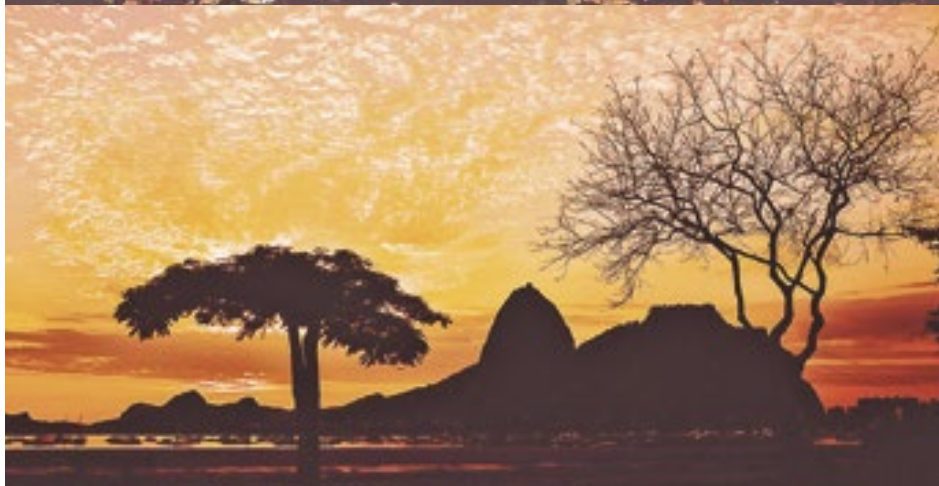
Era sexta-feira e a Lapa, onde ficava a redação da revista, não fervilhava como hoje, mas já tinha um certo movimento festivo à noite pontuado pela malandragem carioca, algumas meninas de vida, nada fácil, algumas travestis e boêmios inveterados.

Onze em ponto, munido de equipamento e flash Metz com duas cabeças, pois, conhecia o tamanho do estúdio onde seriam realizados os cliques, partimos, eu e o repórter Edson Torres, para a missão de acompanhar o programa inteiro durante toda o dilúculo, no lendário prédio da rua do Russel, 434.

Ao chegarmos, fomos recebidos por um Adelson genialmente simpático ainda nos preparativos para apresentação daquela madrugada.

Acostumado com o ambiente de Rádio, pois, naquela altura, já colaborava com o J. Carlos, "O repórter que fareja notícia" apresentando o panorama do surf na Rádio Mundial – líder de audiência na faixa jovem – e, atuando como locutor-narrador do divertido "Brasil e sua música" na Rádio Continental Capital, esta que ficava no mesmo 170 da rua da Lapa, onde, na sobreloja estava a redação da O Cruzeiro. Achei tudo meio estranho. Não havia produtor, não havia assistente, locutor de cabine... nada, só estavam lá, o próprio Adelson e um operador de áudio, nada além... Encimando a bancada, apenas o microfone, uma garrafa d'água e uma pilha de long-plays que encobria o apresentador.

Os ponteiros se encontram, microfone aberto, e, sem nenhum script, roteiro, ou até mesmo papel pontuados, entra no ar fazendo uma preleção de saudações: "boa-noite, 'pra' quem é de boa-noite, bom dia, 'pra' quem é de bom-dia..."; "bom dia aos..." discorrendo uma série de categorias tra-



balhadoras da madrugada, fiéis ouvintes; abraços e afagos a amigos como o Zé Porreta, proprietário de um empreendimento na área de entretenimento na subida do Morro da Mangueira, que o apresentador, carinhosamente, se referiu como birosca... foram, cravados, 14 minutos de introdução. Nas quatro horas vindouras, não foi diferente, não havia lógica programática. A seleção musical era ao acaso do disco que calhou vir à mão daquele arranha-céus musical. As ligações iam ao ar entre conhecidos e anônimos no mesmo tom de brincadeira e tiradas desconcertantes, como uma de um ouvinte, querendo se gabar de ter várias mulheres ao mesmo tempo, teve como resposta que, havia uma contrapartida, pois, a possibilidade de ser traído era inversamente igual ao número de mulheres que mantinha amásias. Claro, tudo numa linguagem bem mais popular, que, àquela altura da madrugada, não assustava mais ninguém.

Horas tantas, adentra ao estúdio, vindo de uma roda de samba, o compositor – do qual, não lembrarei o nome – da Estácio de Sá. Esbaforido, suando em bicas, levou uma batucada improvisada em que, tudo que tivesse sonoridade, virou instrumento musical, até meu case, que na data era chamado de bolsa mesmo, entrou na festa como surdo de marcação. Uma festa.

Adelson tem a comunicação no sangue, talvez por ter trabalhado anteriormente com o Velho Guerreiro, talvez por ser pura essência de Marshall McLuhan, muito por ser, tão somente, ele mesmo. Lançou muita gente boa que está por aí, indo aonde o povo está. Deu voz ao morro, deu voz ao samba-enredo, ao samba de quadra. Resgatou a música nordestina, fez escola. Produziu outras tantas.

Aí você me pergunta? "mas o que ele tem a ver com as alvoradas"?

Ao concluir a festa-apresentação, queria fazer um clique dele junto aos motoristas de táxi que, indianamente enfileirados à porta da rádio, o aguardavam diariamente para bater um papo, jogar purrinha e cumprimentá-lo. Fiz o clique e reparei que clareava no firmamento. Estava usando um Tri-X da Kodak. Queimei as últimas chapas, cambiei para um Ektachrome que havia sobrado de uma matéria anterior, atravessei a praça em direção ao Aterro e fiz meu primeiro amanhecer oficial. Pena que estas imagens tenham se perdido na memória-arquivo da revista. Ficaram incríveis.

Pois é Adelson, você nem sabia, mas lançou o fotógrafo aqui em sua carreira de imagens do zéfiro.

Valeu! Muito obrigado! Vivas pro Adelson, porque eu sou da madrugada!

Divulgação



BUCANEIROS

Bruno de Lima/Divulgação



CASA MOHAMED

Divulgação



KITKAT CHOCOLATERY

Por **Natasha Sobrinho**
 (@restaurants_to_love)

Especial para o Correio da Manhã

A gastronomia carioca nunca esteve tão em alta. Seja com a realização de grandes eventos do setor, como as premiações do Latin America's 50 Best Restaurants (que aconteceu pela primeira vez no Rio no ano passado e já confirmada para esse ano) e o Guia Michelin (que acontece em maio), o fato é que nunca se abriu tantos restaurantes por aqui. No primeiro trimestre de 2024 os cariocas ganharam na Barra da Tijuca dois projetos inovadores: o Nolita Roastery, um espaço de mais de 3500m² dedicado ao café e a flagship da KitKat Chocolatory, com sabores especiais para a loja. E a variedade é grande, tem italiano, árabe, contemporâneo até casa de sanduíches. Confira abaixo as novidades que o Correio da Manhã selecionou para você:

CASA MOHAMED - A Casa abriu recentemente em um imóvel de quatro andares, em Ipanema, com o melhor da comida árabe. O restaurante tem serviço de bufê a quilo somente para o almoço (R\$ 11,49/100g, de terça a sexta; e R\$ 12,99/100g, aos sábados, domingos e feriados), além de à la carte à noite. O cardápio conta com uma seleção de pratos tradicionais da culinária árabe que levam um toque da família Mohamed tanto na cozinha, atuando na produção de insumos e preparo dos pratos, como na presença constante na operação. Rua Vinicius de Moraes, 149 - Ipanema. Tel: (21) 3435-4977.

GIARDINO TRATTORIA - O restaurante acaba de aportar na Barra da Tijuca, dentro do Vogue Square. O chef Vittorio del Gatto, que assina o menu da casa, preza pela qualidade e sabor de seus pratos. Por isso, utiliza somente insumos frescos, do dia, produtos orgânicos de produtores do Rio. Como sugestões de primeiro prato, a casa apresenta

Cariocas bem servidos

O Rio de Janeiro ganha uma leva de novos restaurantes e docerias



ddasdsa

DSDSASA

Tomás Rangel/Divulgação



GIARDINO TRATTORIA

Divulgação



KORAL

uma variedade de receitas. Merecem atenção o Spaghetti Salsa Bianca (R\$ 74) - espaguete com pancetta, creme de leite fresco, gorgonzola, taleggio e parmesão e o Penne alla Sorrentina (R\$ 74) - penne ao molho de tomate com pancetta, pecorino, parmesão e pimenta preta. Vogue Square - Av. das Américas, 8585, Loja SS108 - Barra da Tijuca. Tel (WhatsApp): (21) 97116-2079.

NOLITA ROASTERY - O empresário Marcelo Torres, dono do grupo BestFork, acaba de abrir no shopping New York City Center, na Barra da Tijuca, uma mega empreendimento com mais de 3500m², com a temática voltada para o café. No comando do restaurante, com pratos family size, está o chef Ronaldo Canha. Entre as opções estão as pizzas superstar como a de calabresa (R\$ 88),

sanduíches como o Smash Burger (R\$ 46), com angus prensado, queijo cheddar, mostarda, cebola caramelizada e bacon e doces como o brownie de chocolate (R\$ 48). BarraShopping - Av. das Américas, 5000 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 99512-5044.

KITKAT CHOCOLATERY - A marca de chocolates segue sua estratégia de expansão e acaba de abrir a primeira flagship store fora de São Paulo e o local escolhido foi o BarraShopping. No espaço, mais de 80 sabores da marca, incluindo versões exclusivas com o gifting I Love Rio, inspirado no dia a dia dos cariocas e seus gostos. A novidade fica por conta dos sabores: Biscoito de Polvilho, Açai com Granola, Mate com Limão e Caipilé (combinação de caipirinha de limão com o sacolé). BarraShopping - Av. das Américas, 4666 - Barra da Tijuca.

KORAL - O restaurante é a primeira empreitada solo do jovem chef Pedro Cornha, que criou um cardápio com pratos que apresentam referências clássicas, com pitadas autorais. A novidade da cozinha é o braseiro, que aparece em vários pratos, e dando a eles aroma e sabor defumado. Como é o caso do Crudo no Carvão (R\$ 69), sashimis selados no carvão com molho de tomates assados à putanesca, acompanhados de lâminas de sourdough. Barão da Torre, 446 - Ipanema. Tel: (21) 99513-6437.

BUCANEIROS - No ano em que completa uma década de sucesso, a casa apresenta novo conceito e abre loja presencial no Catete, somando a quarta operação comandada pelos amigos Leonardo Diniz, Caio Galdino, Conrado Rodrigues e Bruno Magalhães. Entre as novidades - que serão exclusivas na nova loja -, um capítulo especial de Stracotto, um clássico italiano com carne cozida lentamente com caldo de carne e temperos. Na casa, a carne é cozida na cerveja preta, segue em um sanduíche com minas padrão gratinado, cebola confitada e barbecue (R\$ 36) no brioche. Bento Lisboa, 101 - Catete. Tel: (21) 98865-6388.